

VIOLA ARDONE

CRIANÇAS DA GUERRA

A HISTÓRIA SOBRE O TREM ITALIANO DA FELICIDADE



FARO
EDITORIAL

CRIANÇAS DA GUERRA

VIOLA ARDONE

TRADUÇÃO: **MARIO BRESIGHELLO**



IL TRENO DEI BAMBINI © 2019 GIULIO EINAUDI EDITORE

PUBLISHED BY SPECIAL ARRANGEMENT WITH VIOLA ARDONE IN CONJUNCTION WITH THEIR DULY APPOINTED AGENTS ALFERJ E PRESTIA S.N.C. - AGENZIA LETTERARIA AND THE ELLASHER LITERARY AGENCY, WWW.ELLASHER.COM

ARRANGEMENT WITH **St. Martin's Press**.
ALL RIGHTS RESERVED.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

QUESTO LIBRO È STATO TRADOTTO GRAZIE AD UN CONTRIBUTO DEL MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI E DELLA COOPERAZIONE INTERNAZIONALE ITALIANO.
OBRA TRADUZIDA COM A CONTRIBUIÇÃO DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES E DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DA ITÁLIA.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Preparação: **TUCA FARIA** e **DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**

Revisão: **BÁRBARA PARENTE**

Capa: **HENRIQUE HORAIS** e **CRISTIANE SAAVEDRA**

Projeto gráfico e diagramação: **SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ardone, Viola

Crianças da guerra / Viola Ardone ; tradução de Mario Bresighelo. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

240 p.

ISBN 978-65-86041-65-1

Título original: Il treno dei bambini

1. Ficção italiana 2. Guerra - Ficção I. Título II. Bresighelo, Mario

21-0082

CDD 853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção italiana



1ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville - Barueri - SP - Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

PRIMEIRA PARTE

1946



A minha mãe caminha depressa na minha frente pelos becos e vielas dos bairros espanhóis de Nápoles – um passo dela são dois dos meus. Olho para os sapatos das pessoas. Sapato perfeito: um ponto; sapato furado: menos um ponto. Sem sapatos: zero ponto. Sapatos novos: um troféu como prêmio. Nunca tive meus próprios sapatos, uso os dos outros, por isso eles sempre me machucam. A minha mãe diz que ando torto, mas não é culpa minha. É do sapato dos outros. Eles têm a forma dos pés de quem os usou antes. Pegaram os seus hábitos, pisaram em outras ruas, entraram em outras brincadeiras. E quando chegam pra mim, o que os sapatos sabem de como ando e para onde quero ir? Devem habituar-se aos poucos, mas o pé cresce quando isso acontece, e os sapatos ficam pequenos e voltam a incomodar.

A minha mãe na frente, e eu atrás. Não sei aonde estamos indo, e ela diz que é para o meu bem. Mas aí tem coisa, como daquela vez da suspeita de piolho. Ela garantiu que era para o meu bem e raspou a minha cabeça. Sorte que o meu amigo Tommasino ficou careca também, para o bem dele. Os amigos do beco debochavam de nós, dizendo que parecíamos duas almas penadas saídas do Cemitério Fontanelle.

Antes Tommasino não era meu amigo. Uma vez eu o vi roubando uma maçã do Cabeça Branca, o fruteiro da banca na praça do mercado. Daí foi quando pensei que não podíamos ter amizade, porque a minha mãe, Antonietta, me explicou que somos pobres, sim, mas ladrões, não. Do contrário, viraríamos ralé. Mas ao me ver, para minha surpresa, Tommasino roubou uma maçã para

mim também. Como não a roubei – ganhei de presente –, comi a fruta, já que estava morrendo de fome. Daquele dia em diante, viramos amigos. Amigos de maçãs.

A minha mãe segue no meio da rua sem nunca olhar para o chão. Eu arrasto os pés e bato as pontas dos sapatos uma na outra para afastar o medo. Conto nos dedos até dez e recomeço do zero. Quando chegar a dez vezes dez, vai acontecer uma coisa boa, assim é a minha brincadeira. Uma coisa boa, mas, até agora, nada me aconteceu, talvez porque eu tenha feito a conta errada. Não gosto de números. Ao contrário das letras, que eu as reconheço isoladas, mas me confundo quando elas se misturam para formar as palavras. A minha mãe diz que não tenho de ter a mesma vida que ela, por isso me colocou na escola. Fui, mas não me dei bem lá. Primeiro, porque a gritaria dos colegas me causava dor de cabeça, e a sala de aula era pequena e fedida a chulé; segundo, porque eu tinha de ficar o tempo todo parado e quieto na carteira desenhando linhas. A professora, que tinha o queixo para a frente e a língua presa, dava tapa na cabeça de quem não a obedecesse. Levei dez em cinco dias. Eu contei os tapas nos dedos como fazia com os pontos dos sapatos, mas não ganhei nada de bom. Então, não quis ir mais para a escola. A minha mãe não gostou e afirmou que eu deveria, pelo menos, aprender uma profissão; então, me mandou ser trapeiro. No começo, achei muito bom: eu ficava o dia inteiro recolhendo roupas velhas e trapos de casa em casa, ou mesmo de dentro das latas de lixo, e levava ao mercado para o Cabeça de Ferro. Mas depois de alguns dias, eu estava tão cansado que sentia saudade dos tapas da professora queixuda.

Paramos diante de um prédio cinza e vermelho, de janelas grandes.

— É aqui — a minha mãe diz.

Esta escola parece mais bonita que a outra. Dentro é silenciosa e não fede a chulé. Subimos até o segundo andar, onde nos mandaram esperar sentados num banco de madeira no corredor, até que alguém nos chama: “O próximo”. Já que ninguém se mexe, a minha mãe entende que “o próximo” somos nós, e entramos.

A jovem que nos aguardava escreve em uma folha o nome da minha mãe – Antonietta Speranza – e diz:

— Vocês ficaram com a que sobrou.

Aí eu penso: agora a minha mãe se vira, e voltamos para casa. Mas não.

— Vocês dão tapas nos alunos, professora? — pergunto e cubro a minha cabeça com os braços por precaução.

A jovem ri e belisca sem apertar a minha bochecha.

— Acomodem-se — ela pede, e nos sentamos diante dela.

A moça não se parece em nada com a outra professora, de queixo para a frente. O seu sorriso é bonito, com dentes brancos e perfeitos; o cabelo é curto, e ela usa calça comprida como os homens. Ficamos em silêncio. Ela se apresenta como Maddalena Criscuolo e comenta que talvez a minha mãe se lembre do seu nome, por sua luta para nos libertar dos nazistas. A minha mãe levanta e abaixa a cabeça, mas dá para ver bem que ela nunca tinha ouvido falar da tal Maddalena Criscuolo até aquele momento.

Maddalena conta que, naqueles dias, salvou a ponte do bairro da Sanità, que os alemães queriam explodir, e, por causa desse feito, ganhou uma medalha de bronze e um certificado. Acho que teria sido melhor se ela ganhasse sapatos novos: do par que ela usa, um pé está bom e o outro está furado (zero ponto). Maddalena diz que fizemos bem em ter ido para lá, que muita gente tem vergonha e que ela e as suas colegas percorrem casa por casa para convencer as mães de que é bom para elas e para os seus filhos. Mas que muita gente bateu a porta na cara delas e às vezes até xingaram. Eu acredito, porque quase sempre me xingam quando vou pedir roupa velha. Ela fala que muita gente boa confia nelas, que a minha mãe é uma mulher corajosa e que está dando um presente para o seu filho. Nunca ganhei presente de ninguém, a não ser a velha caixa de costura onde coloquei todos os meus tesouros.

A minha mãe espera que Maddalena pare de falar, porque falação não é uma arte que lhe agrada. Mas ela continua e diz que é preciso dar uma oportunidade às crianças. Eu ficaria mais

feliz se me desse pão, açúcar e ricota. Comi ricota uma vez numa festa de americanos onde entrei junto com Tommasino (sapatos velhos: perco um ponto).

Maddalena prossegue, afirmando que organizaram trens especiais para levar as crianças lá para cima, ao norte. Aí, a minha mãe responde:

— Você tem certeza? Está vendo este aqui? É um castigo de Deus!

Maddalena diz para minha mãe que vão colocar muitos de nós no trem, eu não irei sozinho.

— Então não é uma escola! — Eu sorrio, finalmente entendendo.

A minha mãe não sorri.

— Se eu tivesse escolha, não estaria aqui. Esta é a única que tenho, vejam o que precisam fazer.

Na hora de ir embora, minha mãe caminha na minha frente como sempre, mas dessa vez ela vai mais devagar. Passamos pelo balcão de pizza, onde sempre agarro em suas roupas e não paro de chorar até levar um tapa. Ela para.

— De torresmo e ricota — pede para o rapaz atrás do balcão. — Uma só.

Não pedi desta vez. Acho que se a minha mãe quer comprar pizza frita para mim, por livre e espontânea vontade, no meio da manhã... não é um bom sinal.

O rapaz põe num pedaço de papel a pizza amarela da cor do sol, bem maior que a minha cara. Eu pego com as duas mãos, com medo de deixar cair. Está quente e cheirosa. Eu assopro, e o cheiro de óleo enche o meu nariz e a minha boca. A minha mãe se abaixa e me olha bem.

— Então você ouviu, filho? Agora você é grande, já vai fazer oito anos, e sabe qual é a nossa situação. — Limpa a gordura do meu rosto com as costas da mão. — Deixe-me experimentar também. — Ela pega um pedaço, depois endireita a coluna, e vamos para casa.

Não pergunto nada e começo a caminhar. A minha mãe na frente, e eu atrás.

Como não mais se falou sobre Maddalena, pensei que a minha mãe tivesse se esquecido do assunto ou mudado de ideia. Porém, alguns dias depois, uma freira veio à nossa casa a mando do padre Gennaro. A minha mãe espia pela janela e resmungava:

— O que será que essa cabeça de pano está querendo?

A freira torna a bater na porta, e a minha mãe põe a costura de lado e vai atender. Abre apenas uma fresta, de modo que a religiosa consegue mostrar apenas o rosto, todo amarelado. Ela pede para entrar, e a minha mãe, com visível insatisfação, abre totalmente a porta. A freira diz que a minha mãe é uma boa cristã, que Deus vê tudo e todas as coisas e que as crianças não pertencem nem aos pais nem às mães – são filhas de Deus. Os comunistas, no entanto, ela diz, querem que a gente vá no trem para a Rússia, onde cortam as nossas mãos e os nossos pés e não nos deixam mais voltar. A minha mãe não responde. Ela é muito boa em ficar quieta. Por isso a freira acaba se irritando e vai embora. Ai, eu pergunto:

— Você quer mesmo me mandar para a Rússia?

Ela volta para a costura e começa a falar sozinha:

— Mas que Rússia, Rússia... Não conheço nem fascistas nem comunistas. Não conheço nem padres nem bispos. — A minha mãe fala pouco com os outros, sozinha ela fala mais. — Até agora só conheci fome e cansaça... Queria ver aquela cabeça de pano sem homem por perto e com um filho... Falar é fácil, ainda mais quando a gente não tem filhos. Mas onde é que ela estava quando Luigino caiu doente?

Luigi era o meu irmão mais velho e, se não tivesse tido a péssima ideia de pegar asma quando pequeno, hoje teria três anos a mais que eu. Portanto, quando nasci, eu já era filho único. A minha mãe quase nunca fala dele, só tem uma foto do meu irmão sobre a cômoda com uma velinha na frente. Quem me contou o caso foi a Encrenqueira, uma mulher muito esperta, que mora na casa em frente a nossa. O sofrimento da minha mãe foi tanto que ninguém achou que ela fosse se recuperar. Mas aí eu nasci, e ela ficou feliz, embora não tanto quanto foi com o meu irmão. Ou ela não estaria me mandando para a Rússia.

Decido ir até a casa da Encrenqueira, que sempre sabe de tudo, e o que não sabe, dá um jeito de ficar sabendo. Ela me diz que não é verdade que me levarão para a Rússia, que conhece Maddalena Criscuolo e as outras: elas querem ajudar, nos dar uma esperança.

De que me importa a esperança? Esperança já tenho no sobrenome, que é Speranza como o da minha mãe. Eu me chamo Amerigo. Quem me deu esse nome foi o meu pai. Nunca o conheci, e todas as vezes que pergunto dele, a minha mãe ergue os olhos para o céu, como quando começa a chover e ela lembra de não ter recolhido a roupa do varal. Diz que ele é mesmo um grande homem. E que foi para a América fazer fortuna.

— **ELE VAI VOLTAR?** — **EU QUIS SABER.**

— Mais cedo ou mais tarde — ela respondeu.

Não me deixou nada, só o nome, mas já é alguma coisa.

Desde que todos ficaram sabendo da história dos trens, acabou o sossego no beco. Cada um fala uma coisa diferente: uns dizem que nos venderão e nos mandarão para a América para trabalhar; outros, que nos mandarão para a Rússia e nos colocarão em fornos; tem gente que descobriu que partirão apenas as crianças ruins, e as boas ficarão com as mães; e têm aqueles que não estão nem aí e continuam como se nada estivesse acontecendo, porque são muito ignorantes. Mas eu não sou ignorante,

tanto é que no beco me chamam de Nobel, porque sei um monte de coisas, apesar de não querer ir mais para a escola. Aprendo mesmo é na rua: vou andando, escuto histórias, fico a par do que aconteceu com os outros. Ninguém nasce sabendo.

A minha mãe não quer que eu saia falando dos assuntos dela. E eu nunca conto a ninguém que embaixo da nossa cama ficam os pacotes de café do Cabeça de Ferro. Nem que ele vem à tarde, e eles se trancam lá dentro. O que será que ele diz à mulher dele? Talvez que vai jogar bilhar. Manda que eu saia e diz que eles precisam trabalhar. Então eu saio e vou catar coisas. Trapos, papéis, sucata, uniformes usados dos soldados americanos, roupa velha e cheia de pulgas. No começo, quando o Cabeça de Ferro vinha, eu não queria sair: não podia nem pensar que ele vinha se fazer de senhor na minha casa. Depois a minha mãe me disse que devo respeitá-lo, porque ele tem amizades importantes e porque nos dá de comer. Ela me garantiu que ele é bom no comércio e que eu só tenho a aprender com ele, que ele pode até me servir de guia. Não respondi, mas, daquele dia em diante, quando ele chega, eu saio. Trago para casa os trapos e roupas velhas que cato, a minha mãe lava, esfrega e costura, e aí nós damos tudo ao Cabeça de Ferro, que mantém uma banca na praça do mercado e vende para quem é mais pobre que nós. Enquanto isso, eu olho os sapatos e conto os pontos nos dedos, porque quando eu fizer dez vezes dez acontecerá uma coisa boa: o meu pai voltará rico da América, e eu mesmo vou deixar o Cabeça de Ferro do lado de fora da minha casa.

Uma vez a brincadeira funcionou de verdade. Na frente do teatro San Carlo, vi um senhor com os sapatos tão novos e brilhantes que os dois somaram cem pontos. E, de fato, quando voltei para casa, o Cabeça de Ferro estava em frente à porta do lado de fora. A minha mãe viu a mulher dele na rua com uma bolsinha nova debaixo do braço. O Cabeça de Ferro disse:

— Você tem de aprender a esperar. Espere que a sua hora vai chegar.

— Mas hoje quem vai esperar é você. — E naquele dia, a minha mãe não o deixou entrar em casa.

O Cabeça de Ferro respirou fundo, acendeu um cigarro e saiu com as mãos nos bolsos. Fui atrás, só para ter o gosto de vê-lo amargurado, e falei para ele:

— Hoje é feriado, Cabeça de Ferro? Você não está trabalhando?

Ele se agachou na minha frente, jogou o cigarro longe e, quando soltou a fumaça pela boca, saíram muitos círculos pequenos.

— Azedou — ele me disse. — Mulher e vinho são a mesma coisa. Ou você domina os dois ou eles dominam você. Se você se deixar dominar, perde os sentidos, se torna um escravo, e eu sempre fui um homem livre e sempre serei. Venha, vamos ao bar, hoje vou te deixar tomar vinho tinto. Hoje o Cabeça de Ferro fará de você um homem!

— Que pena, não posso, tenho mais o que fazer.

— O que você tem para fazer?

— Catar trapos, como sempre. Não dá muito dinheiro, mas garante a comida. Vou indo.

E eu o deixei sozinho enquanto os anéis da fumaça do cigarro desapareciam no ar.

Sempre coloco os trapos e as roupas velhas que encontro num cesto que a minha mãe me deu. Como ele fica muito pesado quando está cheio, comecei a levá-lo na cabeça, como fazem as mulheres no mercado. Aí, com o tempo, carregando hoje, carregando amanhã, o meu cabelo caiu, e eu fiquei com o topo da minha cabeça careca. Acho que foi por isso que a minha mãe me mandou raspar a minha cabeça, piolho uma ova!

Durante as minhas saídas para buscar trapos, pergunto em todo lugar sobre a história dos trens, mas nada. Uns dizem uma coisa, outros dizem outra completamente diferente. Tommasino continua a repetir que ele não precisa ir porque em sua casa não lhe falta nada, e a sua mãe, dona Armida, nunca precisou da caridade de ninguém. A Bonachona, que é a chefe do nosso beco, diz que no “tempo do rei” certas coisas não aconteciam, e as mães não vendiam os seus filhos. Hoje não há mais “dig-ni-da-de!”. E sempre que fala isso deixa à mostra as gengivas marrons, cerra os poucos dentes amarelados que tem e o cuspe escapa pelos

buracos dos dentes que perdeu. Acho que a Bonachona já nasceu feia, por isso nunca teve marido. Sobre esse assunto não se pode tocar, porque é o seu ponto fraco. Nem comentar o porquê de ela não ter filhos. Uma vez, ela teve um pintassilgo que fugiu. Mas nem do pintassilgo a gente pode falar com ela.

A Encrenqueira também é solteirona. Nunca se soube do motivo. Para uns, ela nunca se decidiu entre aqueles que a pediram em casamento, já que é muito rica e não quer dividir o seu dinheiro com ninguém, e aí acabou ficando solteira. Para outros, ela chegou até a ficar noiva, mas o noivo morreu. E há gente que ainda diz que ela teve, de fato, um noivo, mas descobriu que era casado. Acho que tudo isso é fofoca.

Só uma vez a Bonachona e a Encrenqueira concordaram: foi quando os alemães subiram até o beco para pegar comida, e as duas rechearam a torta com cocô de pomba dizendo a eles que era torresmo de porco, uma especialidade típica da nossa cozinha. Eles comiam e diziam “*Gut, gut!*” enquanto as duas se cutucavam com o cotovelo e riam com a mão na frente da boca. Nunca mais vimos os alemães; eles não voltaram nem para se vingar de nós.

A minha mãe não me vendeu, pelo menos até agora. No entanto, dois ou três dias após a vinda da freira, volto para casa com o cesto dos trapos e encontro lá a tal Maddalena Criscuolo. Agora sim, penso, vieram me comprar também! Enquanto a minha mãe fala com ela, fico dando voltas pela sala como bobo, e caso me façam alguma pergunta não respondo ou gaguejo de propósito. Quero parecer um retardado, assim não vão poder me comprar mais. Quem é o tonto que vai querer um menino gago ou retardado?

Maddalena diz que ela também vivia na pobreza, e que ainda vive, que a fome não é uma vergonha, mas uma injustiça. Que as mulheres devem se unir para melhorar as coisas. Por sua vez, a Bonachona sempre comenta que, se todas as mulheres tivessem o cabelo curto e usassem calça como Maddalena, o mundo viraria de cabeça para baixo. Então eu digo: “Quem é a Bonachona para falar com aquele bigode? Maddalena não tem bigode e tem uma bela boca vermelha e dentes brancos”.

Ela baixa a voz e diz à minha mãe que conhece a sua história e sabe como ela sofreu, por causa da desgraça, e que as mulheres precisam ser solidárias entre si. A minha mãe olha por alguns minutos para um ponto na parede onde não há nada, e logo vejo que ela está pensando no meu irmão mais velho, Luigi.

Antes de Maddalena, já tinham vindo à nossa casa duas mulheres, mas não usavam calça comprida, nem tinham cabelo curto. Eram senhoras de verdade, loiras e com vestidos bonitos. Quando entravam no beco, a Encrenqueira fazia cara feia e dizia: “Chegaram as damas de caridade”. No começo, ficamos felizes porque nos traziam pacotes com comida, mas logo descobrimos que dentro deles não tinha nem macarrão, nem carne, nem queijo. Tinha arroz. Era só arroz, só arroz. Sempre que vinham, a minha mãe olhava para o céu e dizia: “Hoje vamos fazer mais alguma coisa com arroz, vocês vão nos matar de tanto comer arroz!”. No começo, as damas de caridade não entenderam, mas quando viram que ninguém queria mais aquelas caixas, disseram que aquele era um produto nacional e que elas faziam parte da “campanha do arroz”. As pessoas começaram a não abrir mais a porta quando alguém batia. A Bonachona dizia que nós não sabemos o que é gratidão, que não merecemos nada e que não existe mais “dig-ni-da-del!”. Já a Encrenqueira falava que vinham para zombar de nós, elas e o arroz, e sempre que alguém queria presentear com algo que não ia servir para nada, exclamava: “Aí está, chegaram as damas de caridade!”.

Maddalena promete que será divertido no trem e que as famílias do norte e da região central da Itália nos tratarão como filhos, nos darão de comer, cuidarão de nós, nos presentearão com roupas e sapatos novos (dois pontos). Então paro de me fazer de gago retardado e digo:

— Mãe, pode me vender para essa mulher!

Maddalena abre a sua boca grande e vermelha e começa a rir, e a minha mãe me acerta uma bofetada com as costas da mão. Levo os dedos à cara, que queima, não sei se pelo tapa ou pelo constrangimento. Maddalena para de rir e toca o braço da

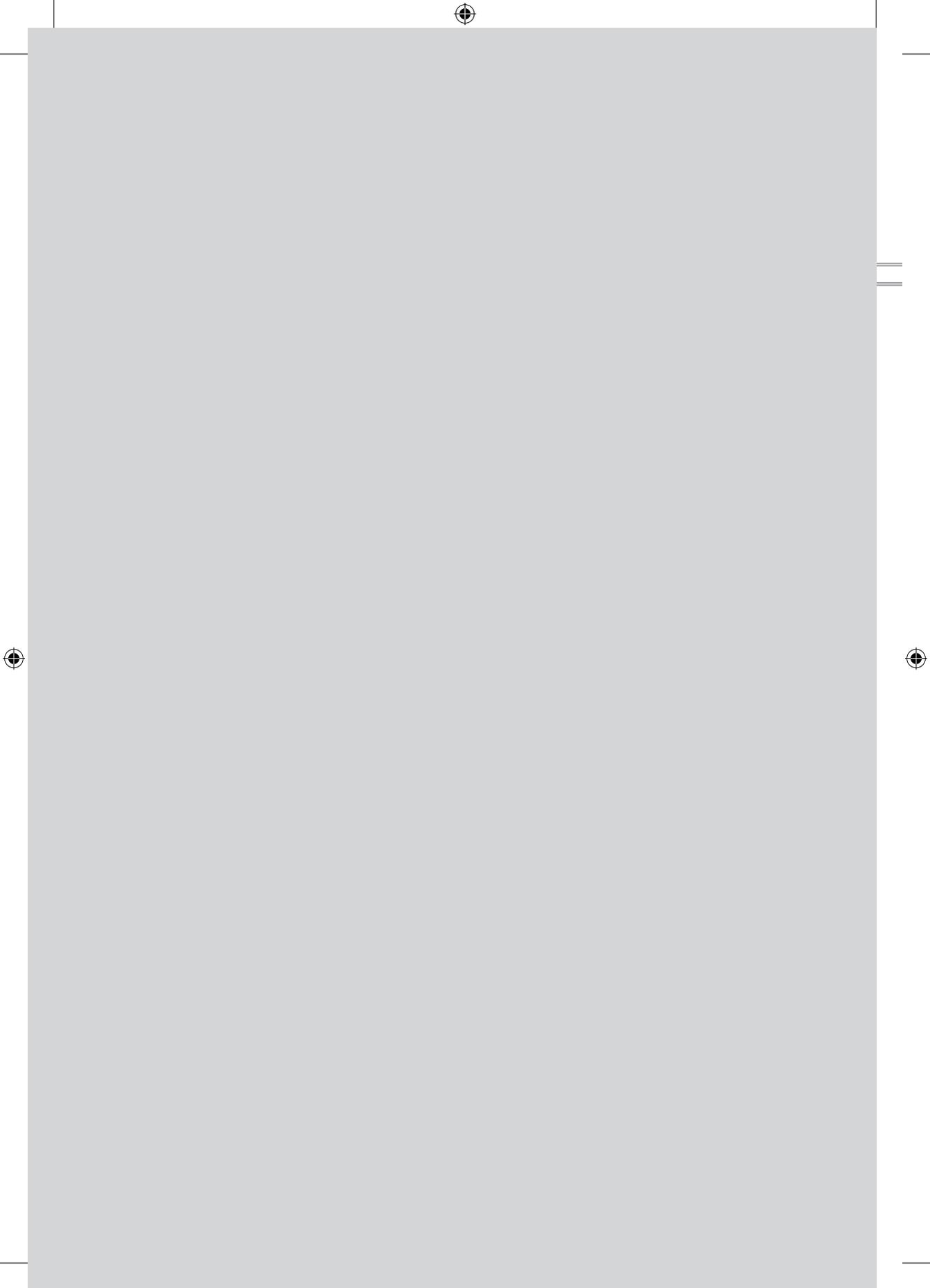
minha mãe, que se afasta como se tivesse encostado numa panela fervendo. A minha mãe não gosta que toquem nela, nem para ganhar um carinho. Nesse momento, Maddalena começa a me explicar bem séria que ela não quer me comprar. Que o Partido Comunista está organizando uma coisa inédita, que ficará para a história e todos se lembrarão por anos e anos.

— Como o caso da torta com cocô de pomba? — pergunto.

A minha mãe me olha com cara feia, e acho que um outro tabefe vai chegar. No entanto, ela me diz:

— E você, quer fazer o quê?

Eu respondo que se eles me derem um par de sapatos novos em folha (prêmio máximo) irei até a casa dos comunistas a pé, sem precisar pegar o trem. Maddalena sorri, e a minha mãe abana a cabeça, o que quer dizer “está bem”.



A minha mãe para diante do prédio dos comunistas na rua Medina, onde já estivemos certa ocasião. Maddalena disse que temos de pôr os nossos nomes na lista dos trens. No primeiro andar, encontramos três rapazes e duas moças. Elas, assim que nos veem, levam a gente a uma sala onde há uma bandeira vermelha atrás de uma escrivaninha. Fazem-nos sentar e nos perguntam um monte de coisas. Uma fala e a outra escreve numa folha de papel. Ao final, a primeira tira uma bala de uma caixinha e me dá como agrado. A que escreve, por sua vez, coloca uma folha na mesa diante da minha mãe, que não entende. Então, põe uma caneta na mão dela e diz que ela tem de assinar. E a minha mãe, nada. Jogo o papel da bala fora, e sinto o cheiro forte de limão no meu nariz. Não é sempre que chupo bala.

Da sala ao lado, escutam os gritos dos três rapazes. As moças se olham sem dar um pio, porque dá para ver que já estão acostumadas com aquilo e não podem fazer nada mesmo. E a minha mãe lá, segurando a caneta com a mão imóvel e a folha na frente. Pergunto por que na outra sala estão gritando daquele jeito. A moça que estava escrevendo nada diz. A que falava, porém, explica que não estão brigando, só discutindo o que precisa ser feito para o bem de todos, e que isso é política. Aí eu pergunto:

— Desculpem, mas não estão todos de acordo aqui?

Ela faz cara de quem morde uma fruta e descobre que está podre e depois explica que há muitas divisões, correntes... Nesse momento, a que escrevia dá uma cotovelada na outra, para que perceba que está falando demais, e depois se vira para a minha

mãe e diz que, caso não saiba escrever, pode fazer uma cruz, já que as duas mulheres serão testemunhas. A minha mãe fica vermelha e, sem tirar os olhos da folha de papel, faz um X um pouco torto. Eu, depois que ela falou dessa história das correntes, fico com medo, porque, como a Encrenqueira sempre diz que são as correntes de ar que provocam catarro, uma vez me disseram que criança é que fica doente. O que não é justo: são os doentes que mais precisam ir para se curar, não é? Porque é fácil ser solidário com quem tem saúde, como exatamente diria a Bonachona, que, à parte os bigodes e as gengivas marrons, lá no fundo, é uma mulher muito boa também e, de vez em quando, até me dá um trocado.

Aí, as moças escrevem algumas coisas em um livrão e nos acompanham até a saída. Quando passamos pela outra sala, os jovens ainda estão brigando por causa de política. O bem magro e loiro a cada duas ou três palavras diz: “Questão meridional e integração nacional”. Eu olho para a minha mãe para ver se ela entendeu, mas ela segue em frente. Nesse momento, o jovem loiro se vira para mim, pois estou passando exatamente naquele instante, e me olha como que dizendo: “Vamos, diga isso tudo a ele também!”. Ora, mas eu não entendia nada daquilo; a minha mãe é que me trouxera, para o meu bem, senão nem teria vindo. A minha mãe me pega pelo braço e me diz em voz baixa:

— Você vai se meter nisso também? Fica quieto e vamos para fora!

E assim saímos, com o loirinho nos acompanhando com o olhar até a porta.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

Há um grande número de portadores do
vírus HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM MARÇO DE 2021